

Olimpíada do Rio deixou como legado promessas não cumpridas e obras inacabadas

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Com promessas não cumpridas e obras inacabadas, o clima de boa parte dos cariocas é de frustração, cinco anos depois dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro.

Os problemas começam na falta de transparência dos gastos para realização da competição. O dossiê de candidatura da cidade previa um custo total de R\$ 28 bilhões. Mas, as estimativas feitas pelo Ministério Público Federal e pelo Tribunal de Contas da União dão conta de R\$ 43,7 bilhões. Já o número divulgado pela prefeitura é de R\$ 39 milhões.

Por conta das divergências, tanto o MPF quanto o TCU entraram com ações para desvendar essa caixa preta. Os órgãos apontaram suspeitas de superfaturamento nas obras e denunciaram a falta de planos sólidos pra gerir as instalações. O procurador da República Leandro Mitidieri critica a falta de planejamento em relação aos gastos e destaca a extinção de duas autarquias federais fundadas pra cuidar dos equipamentos olímpicos.

"A estrutura não se sustenta, tanto é que, ainda em 2016, o município pede socorro à União e cede as áreas. Então, a União assume e cria uma autarquia. Primeiro foi a AGLO, e depois, agora no governo atual, chegou a atuar uma tal de EGLO. Era AGLO e virou EGLO. Mas elas não cumpriram questões básicas. Pessoas que ocuparam cargos de direção, que tinham como função a produção de um estudo de destinação daquele complexo... e esses estudos não vieram até hoje."

Cinco anos depois, esse custo da Olimpíada ainda está em aberto - e deve continuar crescendo. A prefeitura anunciou agora em julho a retomada de planos pra parte do legado. O coração dos Jogos, o Parque Olímpico, na Zona Oeste, será alvo de um novo pacote de concessão das instalações. Com isso, antigas promessas devem, finalmente, sair do papel. Isso porque estruturas de arenas que estão abandonadas serão transformadas em escolas, ao custo de R\$ 78 milhões. Mas o prefeito Eduardo Paes explicou que elas só ficam prontas em 2023.

"Vamos fazer desmontagem de duas arenas que eram temporárias, que é a arena de handebol e natação, elas viram escolas. Uma daquelas três arenas permanentes também vai virar uma escola, e estamos concedendo à iniciativa privada outras duas arenas. Então, a gente espera aos pouquinhos, se deus quiser 2023... é isso mesmo, se tem um ano de obra ali... a gente vai estar entregando à população o legado de um parque que foi todo feito com recursos privados."

Fato é que essa promessa nunca foi esquecida pelos cariocas. Professor de História, o Igor Miranda mora na região do Parque Olímpico, que tem muitos condomínios no entorno. Ao caminhar pelo espaço, ele lembra da injeção de ânimo que recebeu em 2016.

"Como eu sou professor, lembro que fiquei muito com isso na cabeça. E aí ver como está hoje... Ali, então, não tem nem como entrar, todas as partes estão fechadas, você vê ferrugem, e você fala podia ser uma escola ótima. Esse espaço maravilhoso para você fazer até trabalho voltado para a comunidade. Está faltando esse carinho hoje em dia pra ele ser melhor aproveitado pela população como um todo."

Em outro ponto da Zona Oeste do Rio, temos mais um espaço olímpico gigantesco e que carece de

manutenção. O Parque Radical de Deodoro tem 500 mil metros quadrados de extensão e abrigou esportes como canoagem e ciclismo BMX em 2016. Mas, desde então, nada funciona por lá regularmente.

"Eles disseram que ia ser tudo reutilizado, que ia dar pra treinar... mas e aí? Dinheiro público desperdiçado!"

A indignação do ciclista Alexandre Miranda é reflexo do cenário que encontramos em Deodoro. Pistas mal cuidadas, grama a aparar, estruturas enferrujadas. A expectativa era de que, depois dos Jogos, parcerias com a iniciativa privada ajudassem a manter o espaço. Mas não foi bem isso que aconteceu. O único contrato existente é para a manutenção das piscinas, mas elas não estão abertas, porque não há um contrato de gestão. A pista de BMX nunca mais foi usada.

O presidente da Comissão de Esportes da Câmara Municipal do Rio, vereador Felipe Michel, classificou o espaço como "largado olímpico".

"Hoje, o que a gente tem, de fato, na cidade do Rio de Janeiro, é um largado olímpico. No Parque Radical de Deodoro, o que a gente tem hoje é falta de manutenção, o equipamento se deteriorando, e também a pista de BMX totalmente deteriorada, infelizmente, rampa, toda a pista... É muito triste a gente ver aquele símbolo da Olimpíada de 2016 da forma que está."

O que também ficou de lado foi a promessa dos empreendimentos habitacionais que seriam construídos em regiões que receberam investimentos olímpicos. Na Zona Oeste, há um condomínio que mais parece uma vila fantasma. Estamos falando do Ilha Pura, onde funcionou a Vila dos Atletas na Rio 2016. Até hoje, apenas um terço dos imóveis foi vendido. São 3.604 apartamentos, em mais de 30 torres, de quase 20 andares cada, num luxuoso - e praticamente vazio - complexo.

A Rose Lima trabalha numa banca de jornal que é o único ponto comercial na Vila. Ela foi a única pessoa que a gente encontrou por lá...

"Naquele prédio ali até tem bastante morador, mas esses aqui eu nunca vi. Nunca vi nada aceso... como eu trabalho até oito da noite, eu fico olhando... e nem final de semana, eu nunca vi uma luz acesa. Então, não tem morador."

Outro espaço que virou sinônimo de ociosidade é o Complexo Lagoon, que tem localização privilegiada, na Lagoa Rodrigo de Freitas, na Zona Sul do Rio. Ele abriga o estádio de Remo e conta com espaços de gastronomia e lazer. Mas, por causa de dívidas, está tudo praticamente fechado.

Alguns clubes praticam remo no complexo, mas se queixam da falta de manutenção e estrutura precária. O Lucas Azeredo é atleta e também dá aulas para crianças. Ele conta que os problemas na infraestrutura fazem alguns alunos até desistirem da prática.

"É um esporte caro. Para manter só a prática do remo para cada clube já é muito caro. E, por vezes, acaba atrapalhando a permanência de alguns atletas, crianças, por conta de alguma danificação que demora até o clube se organizar para poder cuidar."

O complexo era administrado pela iniciativa privada há anos, mas, na última semana, o governo do estado ganhou na Justiça o direito de retomar o espaço, e agora vai fazer estudos pra definir os valores da nova licitação.

O economista da FGV Marcelo Neri estudou o legado dos Jogos e é coautor de um livro sobre o tema. Ele explica que o evento inverteu a curva de decadência da cidade, mas nós não soubemos aproveitar isso bem, e respostas podem vir só daqui a mais de 20 anos.

"O legado depende do que se faz com ele, qual é a gestão do legado. Não é uma resposta que você

sabe de antemão. Então, até 2016, a resposta ao meu ver, era, na maioria dos casos, positiva. E acho que depois de 2016, até agora, foi na direção oposta. Acho que a gente num certo sentido, metaforicamente, subiu o Olimpo. Só que depois a gente se jogou do lado de lá do Olimpo. Houve uma queda na maioria dos indicadores de 2016 até agora, como emprego, pobreza... esperando que isso reverta, talvez... Porque eu acho que essa questão do legado, é uma pergunta que a gente só vai conseguir responder daqui a 20 , 25 anos..."